

## **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NAS REUNIÕES ANUAIS DA ANPED: 2003-2013**

Débora **Duran** – CEP (EB/MD)

### **Resumo**

A educação a distância impõe-se, nos dias atuais, como compromisso urgente na agenda da pesquisa em educação. A temática não é inédita, mas é lícito afirmar que assume contornos originais no limiar do século XXI, já que as relações viscerais entre conhecimento e trabalho atestam o papel da educação – inicial e continuada – como base de sustentação do sistema vigente. Como consequência inevitável, a EaD revela-se como estratégia desejável e necessária tanto para atender aos interesses do capital como para viabilizar as iniciativas legítimas de emancipação humana.

Os trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPED que focalizaram a EaD como objeto de investigação constituem um conjunto multifacetado de pesquisas cuja análise revela diferentes visões, versões, problemas e tendências na área. Portanto, pretendemos (re)conhecê-los e analisá-los como bases capazes de fundamentar a reflexão sobre as seguintes questões:

O que revelam as pesquisas e quais são as principais (im)possibilidades apresentadas diante da agenda do novo PNE?

**Palavras-chave:** Educação a Distância. PNE. ANPED.

## **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NAS REUNIÕES ANUAIS DA ANPED: 2003-2013**

### **Introdução**

A educação a distância impõe-se, nos dias atuais, como compromisso urgente na agenda da pesquisa em educação. A temática não é inédita, mas é lícito afirmar que assume contornos originais no limiar do século XXI, uma vez que a intensificação do processo de globalização aliada à marcha acelerada do avanço tecnológico transformou o conhecimento no principal fator de produção da sociedade global (IANNI, 2002). Da

aplicação à fusão, o conhecimento passou a manter relações viscerais com o trabalho, de modo que as novas configurações geopolíticas, sociais, econômicas e culturais atestam o papel da educação – inicial e continuada – como base de sustentação do sistema vigente. Como consequência inevitável, a EaD revela-se como estratégia desejável e necessária tanto para atender aos interesses do capital como para viabilizar as iniciativas legítimas de emancipação humana.

A aprovação do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) nos incita a refletir sobre os limites e possibilidades da EaD, uma vez que a referida modalidade é citada como uma das estratégias para o cumprimento de 3 metas: **meta 10** (aumento de 25% nas matrículas da educação de jovens e adultos), **meta 11** (triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio) e **meta 12** (elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos). Mais uma vez a EaD assume papel de destaque nos contornos das políticas públicas e, por essa razão, convoca ao debate sobre as questões candentes que a envolvem.

Os trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPED que focalizaram a EaD como objeto de investigação constituem um conjunto multifacetado de pesquisas cuja análise revela diferentes visões, versões, problemas e tendências na área. Ademais, acenam para diferentes contextos nos quais se materializam as contradições entre o legal e o real, além de teorias e práticas que constituem as propostas de implementação dos cursos realizados na modalidade a distância. Portanto, pretendemos (re)conhecê-los e analisá-los como bases capazes de fundamentar a reflexão sobre as seguintes questões:

O que revelam os trabalhos sobre EaD apresentados nas reuniões anuais e quais são os principais focos de discussão que norteiam as pesquisas na área?

Quais são as principais (im)possibilidades apresentadas nas pesquisas já realizadas e suas contribuições para a reflexão sobre a agenda do novo PNE?

### **Educação a Distância: promessas e dívidas**

A discussão a respeito dos limites e das possibilidades da denominada EaD é permeada por questões complexas que estão muito longe do que podemos chamar de consenso. No conjunto dos estudos e pesquisas da área, não raro nos deparamos com

perspectivas que se aproximam da lógica binária assente nas opções um ou zero, aceso ou apagado, “sim” ou “não”. À semelhança dos “Apocalípticos e Integrados” apresentados por Eco (2006), há, geralmente, autores que anunciam as promessas ou pesquisadores que denunciam as dívidas atinentes à referida modalidade educativa, destacando-se o processo de expansão do ensino superior e a certificação de professores em massa. Diversos são os argumentos vocalizados a favor ou contra a EaD, de modo que a articulação entre as dimensões macro (políticas públicas), meso (institucional) e micro (metodologias) não é tarefa das mais fáceis, dadas as controvérsias existentes nos contornos da área.

A educação a distância, saudada por alguns autores como “educação sem distância” (TORI, 2010) e “tecnologia da esperança” (NISKIER, 1999), revela-se no discurso oficial, midiático e pedagógico como solução viável para diversos problemas da educação. Ao romper barreiras espaço-temporais, a Internet e seus dispositivos digitais, por serem capazes de promover a aprendizagem em rede, garantiriam as oportunidades de democratização do acesso à educação e à informação e a superação do modelo de ensino tradicional assente na transmissão de conteúdos. Nesse sentido, a EaD reveste-se de uma aura salvacionista cujo brilho irradia reflexos da revolução tecnológica como sinônimo de revolução social e pedagógica.

No que diz respeito ao nível micro, para muitos teóricos da cibercultura o desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais da informação e comunicação representam um verdadeiro marco na história da educação – a.C x d.C: antes e depois dos computadores –, uma vez que a emergência do ciberespaço impõe-se como um divisor de águas entre a educação tradicional de estilo bancário e uma educação emancipadora de caráter interativo.

Muito embora sejam muitas as vozes que se aproximam da tecnofilia, vale lembrar que não são poucos os especialistas que assumem uma postura crítica diante do ideário prometeico. Diversos autores, apesar de reconhecerem as potencialidades das tecnologias digitais de informação e comunicação para fins educacionais, têm questionado o discurso determinista segundo o qual o uso de computadores e o acesso às redes, bem como os cursos *online*, poderiam ser considerados como sinônimos de desenvolvimento e inovação metodológica. (SILVA, 2006; ALMEIDA, PRADO, 2007; DURAN, 2010).

Diante do exposto, entendemos que não é correto minimizar os desafios decorrentes da emergência do ciberespaço. No contexto da Sociedade em Rede

(CASTELLS, 1999), a perspectiva reticular coloca em xeque as ideias de fixidez, hierarquização, segmentação e compartimentalização, uma vez que os incontáveis fluxos, nós, conexões e teias de cariz tecnológico e social se interconectam em redes cujas configurações se desdobram de modo complexo, descentralizado e multifacetado. Apesar das possibilidades interativas e supostamente emancipatórias, não é razoável acreditar que as mediações tecnológicas sejam – por si e em si mesmas – responsáveis pelos processos de transformação social que dependem *necessariamente* das mediações humanas.

Apresentados os apontamentos iniciais atinentes ao nível micro, faz-se necessário agora discutir algumas questões consentâneas com o nível macro, o das políticas públicas. De acordo com Segenreich (2001), a agenda da EaD no âmbito nacional pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, de 1996 a 2001, foi marcado pela institucionalização decorrente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a aprovação do Plano Nacional de Educação 2001-2011. O segundo, por sua vez, refere-se aos anos de 2009 e subsequentes na construção de uma nova agenda, com a posterior aprovação do novo Plano Nacional de Educação 2011-2021. Segundo a autora, durante os referidos períodos merecem destaque a legislação federal que estabeleceu sucessivos marcos regulatórios, bem como a implementação de inúmeros projetos e programas desenvolvidos pelo governo federal por meio da EaD.

Após dezenove anos de inserção formal no sistema educacional brasileiro, a EaD revela-se como fenômeno surpreendente. Uma das grandes surpresas diz respeito ao crescimento vertiginoso da oferta de cursos na esfera privada, uma verdadeira explosão mercadológica que não foi sequer cogitada nos tempos de promulgação da LDB. Esse expansionismo, por sua vez, tem sido alvo de inúmeras críticas por parte dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das políticas públicas em educação. Para além das maravilhas, os autores apontam para as armadilhas que subjazem aos processos de massificação e aligeiramento dos processos de formação inicial e continuada, o que tende a resultar, em última instância, na precarização do trabalho e na fragilização da formação docente, bem como na alienação dos cursistas em geral. (BARRETO, 2008, 2012; DOURADO, 2008).

Entre promessas e dívidas, a EaD tem sido investigada por diversos pesquisadores que atuam na área da educação. Dentre os trabalhos de pesquisa, destacam-se aqueles apresentados nas reuniões anuais da ANPED como frutos das investigações de caráter científico que são realizadas na área. Destarte, iremos

apresentar a seguir uma breve análise dos trabalhos apresentados na última década no intuito de aprender e apreender as principais contribuições capazes de fundamentar as reflexões relacionadas à agenda do novo PNE.

### Trabalhos apresentados nos GTs

A classificação dos trabalhos apresentados por temas e focos de interesse representa uma dentre muitas possibilidades de sistematização dos textos analisados. Isso porque não é possível classificar, com extrema precisão, trabalhos que se propõem, na maioria das vezes, a discutir temáticas de modo complexo e integrador. Nesse sentido, as tabelas relacionadas aos temas e focos de interesse são arranjos provisórios e não podem ser tomadas como representações exatas do teor dos trabalhos. Portanto, distanciam-se do ideal e revelam apenas uma possibilidade de organização.

Na programação das reuniões da ANPED (2003 – 2013) foram apresentados 45 trabalhos e 9 pôsteres sobre EaD. Diante dos limites impostos ao texto em vias de apresentação, limitamo-nos a analisar somente o teor dos trabalhos. Merece ainda destaque o fato da temática educação a distância não ter sido contemplada em nenhum trabalho encomendado e nem tampouco como tema das conferências.

GTs	TEMÁTICAS	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
		3	4	5	6	7	8	9	0	1	1	2	3
2	História da Educação												
3	Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos												
4	Didática										1		
5	Estado e Política Educacional												
6	Educação Popular												
7	Educação de Crianças de 0 a 6												
8	Formação de professores	1	1	1									
9	Trabalho e educação												
10	Alfabetização, Leitura e Escrita												
11	Política de Educação Superior						3	1		1			

12	Currículo												
13	Educação Fundamental												
14	Sociologia da Educação												
15	Educação Especial												
16	Educação e Comunicação	4	2	1	1	4	6	3	2	6			2
17	Filosofia da Educação												
18	Educação de Pessoas Jovens e Adultas								1				
19	Educação Matemática			1	1								
20	Psicologia da Educação												
21	Educação e Relações Étnico-Raciais												
22	Educação Ambiental					1							
23	Gênero, Sexualidade e Educação												
24	Educação e Arte								1				
TOTAL GERAL = 45 trabalhos		5	3	3	2	5	9	4	4	7	1		2

Tabela n. 1 – Distribuição dos trabalhos nos GTs

Os dados revelam que foram apresentados, ao longo da última década, 43 trabalhos sobre EaD nas reuniões anuais da ANPED. Do total, 31 foram apresentados no GT 16 – Educação e Comunicação e 5 no GT 11 – Política de Educação Superior. No que diz respeito ao número de trabalhos apresentados por ano, merecem destaque os anos de 2008 e 2011. O PNE poderia representar uma hipótese para justificar o número de trabalhos no ano de 2011, mas apenas um trabalho fez referência ao plano. Nos anos seguintes a quantidade de trabalhos caiu drasticamente, sendo que em 2012 nenhum autor apresentou a EaD como objeto de estudo no GT Educação e Comunicação.

TEMAS	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	total
formação inicial		1	1	1	2	1	1	2	1		1	11
formação continuada/formação em serviço	1	1	2			3	1	1	2	1		12
políticas públicas				1		3	1		1			6
reflexão de caráter geral sobre EaD	4	1			3		1	1	4		1	15
educação corporativa									1			1
<b>Total=45</b>	5	3	3	2	5	7	4	4	9	1	2	45

Tabela n. 2 – Classificação dos trabalhos por tema

Os números apresentados revelam uma quantidade equilibrada de trabalhos nas temáticas relacionadas à formação inicial e continuada. Merece destaque a discussão sobre políticas públicas como um tema que contou com 6 trabalhos de adensada análise

crítica, destacando-se a expansão do ensino superior e a formação de professores. Em relação aos demais trabalhos, 15 incluem temáticas que contemplam a educação a distância de modo geral e há ainda um trabalho específico sobre educação corporativa.

<b>focos/objetivos</b>	<b>2 0 0 3</b>	<b>2 0 0 4</b>	<b>2 0 0 5</b>	<b>2 0 0 6</b>	<b>2 0 0 7</b>	<b>2 0 0 8</b>	<b>2 0 0 9</b>	<b>2 0 1 0</b>	<b>2 0 1 1</b>	<b>2 0 1 2</b>	<b>2 0 1 3</b>	<b>total</b>
ambiente virtual de aprendizagem / Second Life*	2	1	1	1		2*			2			9
avaliação da aprendizagem					1	1						2
comunidades de prática e aprendizagem cooperativa			1						1			2
concepções, visões e ações dos cursistas					1	2		2				5
educação sem limites							1					1
educação socioambiental					1							1
estágio								1				1
evasão									1			1
expansão do ensino superior						3	1		1			5
formação de formadores							1					1
gestão								1				1
(in)corporeidades									1			1
inovação pedagógica	1			1		1						3
interatividade, dialogia e aprendizagem		1	1		1		1					4
professor reflexivo/formação crítica	1				1							2
qualidade e avaliação da EaD	1	1										2
representação midiática da EaD											1	1
tutoria, polidocência/mediação pedagógica*									1	1*	1	3
<b>TOTAL=45</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>45</b>

Tabela n. 3 – Classificação dos trabalhos por focos de interesse

Os focos de maior interesse apresentados nos trabalhos foram os seguintes: AVA (incluindo Second Life) – 9; expansão do ensino superior – 5; concepções e visões e ações dos cursistas – 5; interatividade, dialogia e aprendizagem – 4; tutoria/ polidocência e mediação pedagógica – 3 e inovação pedagógica – 3.

### **Análise dos trabalhos apresentados**

A discussão sobre os recursos e a dinâmica dos ambientes virtuais de aprendizagem foi o foco de maior interesse por parte dos autores. Dos trabalhos que versaram sobre o assunto, a maioria destacou a emergência do ciberespaço como ambiência social propícia às relações intersubjetivas e também como marco capaz de colocar em xeque o modelo clássico de emissão-recepção com vistas à superação da

educação bancária. Dadas as potencialidades dos recursos digitais disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem, os autores argumentaram que os profissionais da educação que trabalham em cursos a distância devem se esforçar para não incorrerem na subtutilização e, além disso, evitar a transposição automática do modelo da sala aula presencial para a sala *online*.

Almeida (2003) apresentou um trabalho focado na importância dos ambientes virtuais de aprendizagem, com especial destaque para a questão do desenvolvimento de competências atreladas à alfabetização e inclusão digital. No mesmo ano, Santos e Okada (2003) discutiram a construção de AVAs com foco na multiplicidade de recursos e apresentação de programas de autoria gratuitos. Nos anos seguintes foram apresentados os seguintes trabalhos: Francisco, Machado e Axt (2004) desenvolveram uma reflexão sobre diálogos e processos de subjetivação e Silva (2005) discutiu a importância dos AVA e destacou a resistência de alguns tutores e especialistas no sentido de participar efetivamente dos fóruns de discussão. Scherer (2006), por sua vez, apontou para a necessidade de serem os participantes do curso “habitantes” e não apenas “visitantes” dos fóruns de discussão. No ano de 2008 foram apresentados os dois únicos trabalhos sobre o Second Life, sendo que Mattar Neto (2008) o denominou de AVA, ao passo que Moita (2008) destacou a fecundidade das estratégias de estudo que permeiam o ambiente e seus desdobramentos no desempenho dos alunos durante a realização de atividades escolares e acadêmicas. Em 2009 e 2010 não foram apresentados trabalhos a respeito do assunto e, em 2011, Young, Batista, Borges e Borges Neto (2011) indentificaram e analisaram espaços e recursos capazes de propiciar a interação subjetiva *online*. No mesmo ano, Rocha (2011) apresentou uma densa reflexão sobre sistema social com base na Biologia do Conhecer proposta por Humberto Maturana.

As políticas públicas representaram o segundo maior foco de interesse por parte dos pesquisadores. Dos 5 trabalhos propostos, 3 foram apresentados no ano de 2008. Praticamente todos os textos versaram sobre a expansão do ensino superior por meio da EaD, destacando-se os riscos e perigos relacionados à massificação e ao aligeiramento da formação acadêmica. Oliveira (2008, 2011) apresentou dois trabalhos, sendo um de caráter geral e outro sobre o Projeto Veredas e a nova socialização do capital; Garcia (2008) propôs uma análise sobre as relações entre EaD, tecnologias e competências e Giolo (2008) uma reflexão sobre as contradições entre as dimensões legal e real, bem como entre teorias e práticas desenvolvidas na área. O trabalho proposto por Segenreich



(2011) reveste-se de especial importância no momento atual, uma vez que apresentou uma reflexão consistente sobre as relações entre as agendas dos PNE e a temática da EaD.

Dentre os 44 trabalhos propostos, 5 apresentaram pesquisas sobre concepções e visões dos alunos sobre a EaD. Borges (2007, 2008) apresentou um trabalho de pesquisa sobre o que pensam os alunos do curso de Pedagogia sobre a EaD e, no ano seguinte, uma reflexão sobre as atividades realizadas pelos professores que atuam na EaD. Branco e Oliveira (2008) discutiram a formação docente em serviço com especial ênfase nas relações de interferência existentes entre as condições objetivas do trabalho do professor em serviço e sua formação a distância. Vieira e Rezende (2010) apresentaram uma pesquisa realizada com alunos do curso de Matemática sobre suas percepções a respeito da aprendizagem na EaD e ainda no mesmo ano Vizontin e Pesce (2010) apresentaram um trabalho sobre a visão dos cursistas sobre os recursos de linguagem utilizados no ambiente virtual de aprendizagem.

As relações entre interatividade, dialogia e aprendizagem foram o terceiro foco de interesse por parte dos autores, com um total de 4 trabalhos apresentados. Pesce (2004, 2007) apresentou dois trabalhos focados no conceito de dialogia, sendo o primeiro sobre o que denominou de “dialogia digital” e o segundo sobre desenho didático dialógico. Souza (2005) apresentou um trabalho sobre o Projeto Salto Para o Futuro, apontando as relações entre interatividade e aprendizagem no grupo de participantes decorrentes dos encontros presenciais dedicados aos programas televisivos. A autora destacou o baixo nível de interatividade proposto na dinâmica do projeto, devendo-se ressaltar que esse trabalho foi o único a pensar a interatividade a partir dos meios (televisão e e-mails) e não propriamente na ambiência *online*. Ademais, Vizontini e Pesce (2010) apresentaram um novo trabalho sobre a importância da dialogia, desta vez com foco na formação de professores universitários para a docência online. Partindo de um posicionamento mais crítico, Schneider e Moraes (2009) apresentaram uma “denúncia” fundamentada num estudo de caso e concluíram que em muitos cursos a distância – principalmente nas universidades privadas – a comunicação entre professores e alunos não é dialógica.

Outra temática de interesse revelada em três trabalhos diz respeito à mediação pedagógica e às ideias de professor coletivo e polidocência. Cerny e Lapa (2011) apresentaram uma reflexão sobre o professor coletivo com base nos estudos de Belloni (2001), para quem na EaD o ato de ensinar é segmentado em múltiplas tarefas e

demanda um trabalho em equipe que transforma o professor de uma entidade individual em uma entidade coletiva. Daí a proposta de Mill (2010) ao apresentar o conceito de polidocência, argumentando que na EaD há uma distinção sutil que se refere ao coletivo de trabalhadores, já que não são apenas professores, mas um grupo constituído por profissionais com formação e funções diversas. Para o autor, na EaD seria impossível a prática convencional da modalidade presencial na qual um único professor é capaz de exercer todas as funções da docência. Com base nessa mesma proposta conceitual, Grutzmann e Del Pino (2013) apresentaram uma reflexão sobre a tutoria como uma das faces da polidocência, entendida como multiplicidade de docência(s). O trabalho de Rezende (2012) apresentou uma reflexão sobre mediação pedagógica online e seus desencadeamentos nas ações dos cursistas.

No que diz respeito à inovação relacionada à EaD, mais três trabalhos com distintas perspectivas foram apresentados nas reuniões de 2003, 2006 e 2008. Torres (2003) apresentou uma reflexão sobre o LOLA (Laboratório On-line de Aprendizagem), cuja proposta metodológica de aprendizagem colaborativa foi considerada pela autora como inovação pedagógica. Martins e Galdino (2006), por sua vez, elaboraram uma reflexão sobre institucionalização da EaD e as possibilidades de consolidação de uma nova cultura, questionando se revolução tecnológica pode ser considerada como sinônimo de revolução pedagógica. Ainda com foco na inovação, Malmann (2008) enfatizou a importância de propostas inovadoras na docência universitária com base na utilização das TDIC para (re)elaboração de materiais didáticos na modalidade a distância.

Do total de trabalhos apresentados, vários outros focos de interesse foram identificados no teor dos textos. A avaliação foi o foco das reflexões de Kratochwill (2007), que destacou as perspectivas de avaliação da aprendizagem na interface fórum e Barreiro-Pinto e Silva (2008), cujo trabalho apresentou uma análise crítica sobre a transposição de procedimentos presenciais e a dinâmica específica da educação online.

Reflexões sobre o professor reflexivo e a formação crítica na EaD foram apresentados por Lima, Grigoti e Barros (2003) com base nos estudos de Donald Schön e por Lapa (2007), cujo referencial teórico está alinhado com o pensamento freiriano. No tocante à questão da qualidade e avaliação da EaD, o primeiro trabalho apresentado em 2008 já acenava para o busílis da área: o que qualifica um projeto ou programa de formação de professores a distância: a utilização das avançadas tecnologias de comunicação digital ou a proposta pedagógica subjacente àquele? (OLIVEIRA, 2003).

Versuti (2004), na mesma linha de raciocínio, demonstrou especial interesse pela análise de critérios de avaliação e qualidade na EaD, destacando que não apenas os recursos tecnológicos, mas fundamentalmente as concepções pedagógicas que norteiam os cursos devem ser levadas em consideração nos processos de avaliação.

As comunidades de prática também foram contempladas nos trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPED. Bairral (2005) apresentou uma análise das interações na perspectiva de comunidades de prática com foco na aprendizagem matemática a distância. Lopes (2011), por sua vez, também apresentou uma reflexão fundamentada nos estudos de Etienne Wenger, mas com ênfase no ambiente virtual NING. Trata-se de um espaço não-formal de aprendizagem em que um grupo formado por diversos profissionais da educação decidiram aprofundar seus conhecimentos de modo cooperativo.

Outros focos de interesse foram identificados nos trabalhos apresentados, sendo que em apenas uma reunião, a saber: formação de formadores, educação socioambiental, educação sem limites, gestão, evasão, estágio, (in)corporeidade e representação midiática. Ferreira (2007) objetivou analisar a formação de professores no que tange à temática ambiental na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, concluindo que os recursos da educação a distância devem ser explorados com vistas à ressignificação das práticas. Saraiva (2009) apresentou uma reflexão sobre o entrelaçamento do surgimento e da disseminação da EaD mediada por recursos telemáticos com as transformações da sociedade contemporânea e analisou como ela vem sendo representada como panaceia da educação ao ser capaz de extrapolar todo tipo de limites. Cerny (2010) analisou um sistema de gestão pedagógica desenvolvido em uma instituição pública de ensino superior e Rinaldi, Del Forno e Reali (2009) apresentaram resultados parciais da pesquisa-intervenção realizada num curso online para profissionais em exercício e que ocupam a função de formador (coordenador pedagógico, diretor, assistente técnico-pedagógico e outros). Com foco na evasão, Machado e Borges (2011) foram as únicas autoras a apresentar um trabalho sobre educação corporativa e, do mesmo modo, Guimarães e Oliveira (2009) foram os únicos autores a apresentar um trabalho sobre estágio curricular num curso de Artes Visuais a distância.

Saraiva (2011) apresentou um trabalho original sobre EaD e (in)corporeidades. De acordo com a autora, atualmente há muitos teóricos que sustentam a elisão do corpo como condição para o aprofundamento da comunicação e a aproximação dos sujeitos de

modo *sui generis* no ciberespaço. Apesar das teorias, os cursitas da EaD geralmente manifestam ansiedade e desejo de manter um relacionamento presencial, de tal modo que expressam sua insatisfação com o suposto isolamento promovido pelo/no ciberespaço.

Por fim, merece destaque o trabalho apresentado por Sabbatini (2013), autor que apresentou uma análise de conteúdo da representação midiática da EaD nas revistas informativas de grande circulação no âmbito nacional. De acordo com o autor, a educação a distância é anunciada como inovação capaz de apresentar respostas milagrosas para os problemas da educação, revelando mais uma vez a disseminação do pensamento determinista que apresenta o poder das TDICs como motor de desenvolvimento e causa inequívoca de inclusão social.

## **(IN)CONCLUSÕES**

A análise dos trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPED entre os anos de 2003 e 2013 revela um amplo espectro de temas e focos de investigação. Dado o caráter complexo da EaD, as propostas de estudo constituem-se em tramas e redes cujas interconexões articulam legislação, interatividade e dialogia, cooperação, inovação, ambientes virtuais de aprendizagem, mídia e aspectos pedagógicos relacionados à formação inicial e continuada, dentre muitos outros. Por se tratar de um tema interdisciplinar, muitos são os autores, teorias e correntes de pensamento capazes de fundamentar análises de caráter filosófico, antropológico, político, sociológico, psicológico, econômico, tecnológico e pedagógico. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que os estudos sobre educação a distância tendem a abrir múltiplos horizontes reflexivos, também se fecham em discussões acirradas sobre suas maravilhas e armadilhas. Entre crenças ingênuas e críticas imobilizadoras, a postura dicotômica tende a inibir, limitar, simplificar e empobrecer a abordagem do fenômeno em questão.

Diante do exposto, entendemos que se faz necessária uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto, para utilizar as palavras de Saviani (1985). As ações de caráter didático-metodológico realizadas no nível micro não podem ser plenamente compreendidas à revelia dos condicionantes econômicos e políticos que se articulam no nível macro, assim como o reconhecimento das astúcias do capitalismo informacional

não devem impedir o reconhecimento de iniciativas inovadoras e criativas comprometidas com a emancipação humana. Se as ações empreendidas nos contextos específicos dos cursos realizados na modalidade a distância são dependentes das condições materiais que os sustenta, então é lícito afirmar que as técnicas e as tecnologias por si mesmas jamais serão capazes de resolver o problema da democratização da educação e da inclusão social. Por outro lado, o desvelamento do caráter perverso do ideário neoliberal que instila a disseminação da EaD em moldes planetários não pode – e nem deve – minimizar o potencial do ciberespaço para a educação, seja ela presencial ou a distância. Precisamos, assim, atentar para os riscos das perspectivas deterministas – sejam elas quais forem.

Em relação às (im)possibilidades apresentadas nas pesquisas e suas contribuições para a reflexão sobre as metas do PNE, muitos são os desafios a serem enfrentados. Em primeiro lugar, o óbvio: EaD de qualidade requer recursos, vontade política e *expertise* tecnológica e pedagógica. Sendo assim, será impossível garantir uma educação de qualidade se o motivo mobilizador dos projetos, programas e cursos for o lucro ou a certificação em massa. Iniciativas pautadas no aligeiramento da formação comprometem o trabalho dos profissionais envolvidos, destacando-se o caráter eventual e precário de professores autores, formadores e orientadores (tutores); prejudicam a consolidação de ambientes de aprendizagem interativos e cooperativos (para além dos repositórios dos arquivos de texto e dos monólogos coletivos) e inviabilizam a construção de projetos pedagógicos dialógicos.

Mais uma obviedade: o diálogo revela-se como desafio não apenas para professores e alunos, mas também para todos os profissionais que atuam na EaD. Um aspecto que merece destaque diz respeito à articulação necessária de conhecimentos tecnológicos e pedagógicos no processo de organização e gestão dos cursos, uma vez que a cisão entre os que concebem, os que organizam e os que executam os projetos, materiais didáticos e a customização das salas virtuais tende a resultar em objetos tecnológicos desprovidos de consistência pedagógica ou ainda de ideias pedagógicas mal resolvidas do ponto de vista tecnológico e do *design*. Para tanto, são necessários diversos tipos de recursos, destacando-se dinheiro, tempo, equipamentos e, inclusive, dinâmica de trabalho cooperativo com equipes multidisciplinares. No mesmo sentido, é mister destacar que apenas o diálogo entre professores e alunos, e entre professores e demais profissionais envolvidos nos projetos de EaD não é suficiente para alcançar a tão almejada interatividade *online*. O diálogo com a realidade dos cursistas também se faz

necessário, uma vez que a concepção de um curso sem a devida atenção para o contexto de sua implementação coloca-se na contramão de uma proposta efetivamente dialógica. Portanto, a ideia de multiplicação ou replicação inflexível de cursos a distância *ad aeternum* deve ser repensada e revista.

É neste cenário de mudanças sociais, intensificadas pela progressiva diferenciação dos ambientes geopolíticos e por expressivo e desigual avanço tecnológico, que se efetivam alterações no mundo do trabalho e da produção, as quais, por seu turno, redimensionam as esferas da atividade humana. Estabelece-se, portanto, um espaço contraditório, em que se generalizam e desenvolvem tecnologias favoráveis à integração e, paradoxalmente, a novas formas de inclusão dependente. (...)

Nesse cenário, a situação de países como o Brasil – com alto avanço tecnológico e, ao mesmo tempo, com parcela significativa da população em situação de extrema pobreza –, historicamente estruturado por desigualdades sociais intensas, agrega inúmeros outros desafios. (DOURADO, 2008, p. 893)

Ciberespaço contraditório, espaço de antíteses capazes de provocar novas sínteses. Que os trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED possam continuar contribuindo para que a educação a distância não venha a se transmutar em distância da educação...

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia e educação a distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. **26a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2003.

BAIRRAL, Marcelo. Aprendizagem matemática a distância: análise de interações na perspectiva de comunidades de prática. **28a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2005.

BARREIRO-PINTO, Isabel Andréa; SILVA, Marco. Avaliar a aprendizagem na educação online: a transposição de procedimentos presenciais e a dinâmica específica da WEB.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRANCO, Juliana Cordeiro Soares; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Educação a Distância para professores em serviço. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu,

2008.

BORGES, Martha Kaschny. Educação a Distância: o que pensam os estudantes dos cursos de Pedagogia? **30a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

\_\_\_\_\_. Atividades realizadas por professores que atuam na educação a distância: uma abordagem da ergonomia cognitiva em formação. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERNY, Roseli Zen. Gestão pedagógica na educação a distância: análise de uma experiência na perspectiva da gestora. **33a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2010.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação superior a distância: novos marcos regulatórios?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302008000300012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 mar. 2012.

DURAN, Débora. **Letramento Digital e Desenvolvimento**: das afirmações às interrogações. São Paulo: Hucitec, 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Nadja. Educação socioambiental de jovens e adultos: uma proposta crítico-emancipatória – presencial e a distância – de formação de professores. **30a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

FRANCISCO, Deise Juliana; MACHADO, Glaucio José Couri; AXT, Margarete. Ambientes virtuais de aprendizagem: diálogo e processos de subjetivação. **27a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2004.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. Educação a Distância, Tecnologias e Competências no Ensino Superior: pontuando relações, discutindo fragilidades. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

GIOLO, Jaime. A EAD e a formação de professores. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

GRUTZMANN, Thaís Philipsen; DEL PINO, Mauro Augusto Bukert. A comunicação e os saberes dos tutores em educação a distância. **36a Reunião Anual da ANPED**, Goiânia, 2013.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. Formação docente e estágio curricular em artes visuais na modalidade de ensino a distância: entre a realidade e a possibilidade de se criar uma escola em expansão. **33a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2010.

IANNI, Otavio. **A sociedade global**. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KRATOCHWILL, Susan. Educação on-line: perspectivas para a avaliação da

aprendizagem na interface fórum. **30a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

LAPA, Andrea Brandão. Por uma abordagem da educação a distância que propicie uma formação crítica do sujeito. **30a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

LIMA, Claudia Maria de, GRIGOLI, Josefa Aparecida Gonçalves, BARROS, Helena Faria de. A educação a distância e o desafio da formação do professor reflexivo: um estudo sobre as possibilidades da EAD na formação pedagógica de professores. **26a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2003.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. Formação continuada em comunidade de prática: conectividade e aprendizagem em rede. **34a Reunião Anual da ANPED**, Natal, 2011.

MACHADO, Soraya Tonelli; BORGES, Martha Kaschny Borges. A evasão em cursos a distância online: estudo de um programa de educação empresarial continuada. **34a Reunião Anual da ANPED**, Natal, 2011.

MALLMANN, Elena Maria. Inovações na docência universitária: tecnologias de informação e comunicação na (re)elaboração de materiais didáticos na modalidade a distância. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

MARTINS, Herbert Gomes. Ensino a distância: entre a institucionalidade e a formação de uma nova cultura. **29a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2006.

MATTAR NETO, João Augusto. O uso do Second Life como ambiente virtual de aprendizagem. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

MILL, D. R. S.; RIBEIRO, L. R. C.; OLIVEIRA, M. R. G (org.). Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOITA, Filomena M. G. da S. C. Second Life e estratégias de estudo: interface no aprendizado de universitários. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

NISKIER, Arnaldo. **Tecnologia da Esperança**. São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Daniela Mota de. Formação de professores em nível superior: o Projeto Veredas e a nova sociabilidade do capital. **31a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2008.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. Formação de professores a distância na transição de paradigmas. **26a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2003.

PESCE, Lucila. Dialogia Digital: em busca de novos caminhos à formação de educadores, em ambientes telemáticos. **27a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2004.

\_\_\_\_\_. Educação a distância e formação de educadores: a contribuição dos desenhos didáticos. **30a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2007.

PRADO, Maria Elisabete Brisola Brito Prado; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Estratégias em Educação a Distância: a plasticidade na prática pedagógica do professor. In: VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth



Bianconcini de. **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: AVERCAMP, 2007.

RAMOS, Bruna Sola da Silva. Aprendizagem mediada pela tecnologia digital: a experiência do fórum virtual de discussões em um projeto de educação a distância. **28a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2005.

RESENDE, Marilene Ribeiro; VIEIRA, Vania Maria de Oliveira. A formação do professor de matemática na modalidade a distância: a aprendizagem em discussão. **33a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2010.

REZENDE, Márcia Ambrósio Rodrigues. A mediação pedagógica no ambiente virtual de aprendizagem. **35a Reunião Anual da ANPED**, Porto de Galinhas, 2012.

RINALDI, Renata; DAL-FORNO, Josiane Pozzatti; REALI, Aline M. Programa de desenvolvimento profissional online para formadores em início de carreira na Educação Básica. **32a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2009.

ROCHA, Karla Marques da. Sistema social em ambiente virtual de aprendizagem: interações possíveis. **34a Reunião Anual da ANPED**, Natal, 2011.

SABBATINI, Marcelo. Entre a complacência e a intolerância: análise de conteúdo da representação midiática da educação a distância (EaD) em revistas informativas de circulação nacional. **36a Reunião Anual da ANPED**, Goiânia, 2013.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço. **26a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2003.

SARAIVA, Karla. Uma educação sem limites. **32a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 6. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

SCHERER, Suely. Comunicação e aprendizagem em fóruns virtuais: uma possibilidade para a educação matemática. **29a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2006.

SCHNEIDER, Magalis Bésser Dorneles. A comunicação on-line entre professores e alunos: um estudo da UNISUL Virtual. **32a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2009.

SEGENREICH, Stella Cecilia Duarte Segenreich. EAD no sistema de educação superior: questões para a agenda 2011-2020. **34a Reunião Anual da ANPED**, Natal, 2011.

SILVA, Marco (Org). **Educação online – teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2003.

SOUZA, Rosilene. As redes de conhecimentos tecidas na relação formação continuada de professores e interatividade: o contexto do projeto “Salto para o Futuro”. **28a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2005.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: SENAC SP, 2010.

TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma proposta metodológica de aprendizagem colaborativa para a educação a distância. **26a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2003.

VERSUTI, Andrea Cristina. Educação a distância: problematizando critérios de avaliação e qualidade em cursos on-line. **27a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2004.

VIZENTIM, Roseimeire; PESCE, Lucila. Os recursos de linguagem como contribuição à construção de sentidos entre formadores e professores universitários em formação no contexto digital. **33a Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2010.

YOUNG, Regina Santos Young; BATISTA, Janete Barroso Batista; BORGES, Daniel Capelo; BORGES NETO, Herminio Borges Neto. Interação no ambiente MOODLE: a relação intesubjetiva dos sujeitos para o fortalecimento da EaD. **34a Reunião Anual da ANPED**, Natal, 2011.